



Sementes da resistência na construção cotidiana do Feminismo Camponês e Popular

Seeds of resistance to everyday construction of Peasant and Popular Feminism

CALAÇA, Michela¹; CINELLI, Catiane²; SEIBERT, Iridiani³

¹Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), michela.calaca@gmail.com; ²Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Movimento de Mulheres Camponesas, catiane@unir.br; ³Movimento de Mulheres Camponesas, iridianigs@yahoo.com.br.

Resumo

Esse artigo apresenta reflexão sobre a experiência de construção de resistência das mulheres camponesas a partir do Feminismo Camponês e Popular, com resgate e utilização das sementes crioulas como parte do método de trabalho de base. A elaboração utilizou a metodologia de análise documental nos materiais publicados pelo Movimento de Mulheres Camponesas sobre sementes para os grupos de base, como também a partir de estudos realizados na academia sobre esse trabalho, em especial Jalil (2009) e Cinelli (2012), além de observações participantes em atividades do MMC. Compreende-se que é a experiência cotidiana que possibilita uma análise que parte do concreto para abstração e volta ao concreto para possibilitar a elaboração de sínteses. Percebe-se que a preservação, o resgate e a utilização das sementes crioulas pelas camponesas são atos de insubordinação ao sistema que é capitalista, racista e patriarcal, que nega os saberes das mulheres e das populações tradicionais, tornando esse trabalho fundamental para fortalecer a organização das camponesas e também a construção de sua autonomia na lógica do feminismo camponês e popular.

Palavras-chave: Sementes da resistência; Feminismo Camponês e Popular; Agroecologia.

Keywords: Seeds of resistance; Peasant and Popular Feminism; Agroecology.

Introdução

Os elementos apresentados neste artigo são frutos dos debates realizados pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) nos seminários internacionais sobre Feminismo Camponês e Popular, realizados entre 2015 e 2018, que buscaram, por meio da história do movimento e das experiências das camponesas, sistematizar quais elementos se apresentavam na construção do seu feminismo. Muitos foram os temas e lutas analisados nesse processo, mas dois tiveram centralidade: a luta das camponesas pelos direitos à seguridade social; e a luta pela soberania alimentar, baseada na Agroecologia a partir das sementes e da campanha de produção de alimentos saudáveis. Neste artigo, buscamos sistematizar reflexões sobre a importância feminista do resgate e preservação das sementes crioulas no MMC.

Metodologia

Este artigo é fruto de pesquisa documental, com estudo de cartilhas, *folders* e documentos do Movimento de Mulheres Camponesas sobre o trabalho com as sementes, materiais que visam incentivar as bases do movimento no sentido de ampliar a preservação das sementes e compartilhar as experiências exitosas. Analisamos ainda a sistematização das discussões de três seminários internacionais



realizados pelo MMC sobre Feminismo Camponês e Popular, especificamente a parte sobre as sementes crioulas, que aparece como central na estratégia de construção da Agroecologia no movimento e do seu feminismo, tema que buscamos apresentar de forma mais geral no artigo apresentado no último Congresso Brasileiro de Agroecologia (CALAÇA&SEIBERT, 2017). Neste artigo, buscamos aprofundar o olhar para o trabalho com sementes, como ele é feito, que temas são trabalhados e como analisamos esse trabalho.

Buscamos realizar um diálogo entre o material do MMC, as reflexões teóricas realizadas por estudiosos como Jalil (2009), Cinelli (2012) e Santos (2012) e as observações participantes e as experiências que conhecemos ao acompanhar o trabalho do movimento desde 2003.

A nossa base teórica é o marxismo, pois como disse Lênin: “A análise concreta da situação concreta é a alma viva, a essência do marxismo” (LENIN apud GRUPPI, 1979, p. 297), ou seja, esse é um método de análise que busca na realidade os dados sobre os quais vai se debruçar. Foi isso que fizemos neste artigo, buscando na realidade vivenciada pelas camponesas o papel das sementes crioulas na construção do seu feminismo.

Resultados e Discussão

Partimos para análise já com o entendimento de que, na Agroecologia, a importância das sementes crioulas (da paixão, da tradição, da resistência, entre outros nomes dados pelas famílias que as preservam) para construção da soberania alimentar, para preservação dos bens comuns e para melhoria de vida dos agricultores e agricultoras já é um debate bastante discutido e possivelmente consolidado (OLIVEIRA et al., 2015; SILVA & ALMEIDA, 2013; BEVILAQUA et al., 2014).

Nesse sentido, queremos trazer mais um elemento a esse debate, que é o papel feminista do resgate e da preservação das sementes crioulas, a partir da estratégia posta em andamento pelo MMC. A experiência de preservação e resgate de sementes existe em todos os estados em que o MMC está organizado. Contudo, como um programa estruturado que contribui para organização militante do MMC, essa experiência está mais consolidada em Santa Catarina, desde 2001.

A partir de 2007, o MMC buscou ampliar essa experiência a partir da elaboração de um material produzido na Região Sul (incluindo o Mato Grosso do Sul) que buscava, a partir das sementes, ampliar a organização das camponesas. Essa estratégia também contava com encontros nacionais e estaduais para consolidação do método. Após debate da coordenação nacional, buscou-se distribuir o material para todos os estados, de forma que buscassem analisar como era possível adaptar o material às suas diversas realidades. Esse trabalho acontecia dentro da Campanha Nacional de Produção de Alimentos Saudáveis, lançada em 2007 – resposta construída pelas camponesas na busca de enfrentar a lógica do capital na agricultura que começava a se apresentar com o deserto verde, os transgênicos e os agrotóxicos.



Sobre a campanha escreveu Jalil (2009, p. 179):

Não podemos deixar de sublinhar que a Campanha em si não diria nada se não fosse percebida pelas mulheres como um instrumento prático de ação e intervenção política. Para as mulheres, a Campanha representa seu trabalho, seus saberes, seus conhecimentos, seus valores e suas verdades. Elas não só reconhecem a Campanha, elas se reconhecem nela, com ela e para ela; ao praticarem, ao construir os bancos de sementes crioulas, ao trocarem sementes, ao plantarem as plantas medicinais, trocarem receitas e mudarem os hábitos alimentares, elas resgatam, divulgam e fortalecem suas práticas milenares.

O principal material didático do trabalho com as sementes é a cartilha “*Sementes de vida nas mãos das mulheres camponesas*” (MMC, s/d). Um material elaborado para orientar como as camponesas dos grupos de base do MMC devem iniciar o trabalho de resgate das sementes em comunidades onde esse debate ainda não está consolidado.

A cartilha está dividida em seis encontros, cada um com um tema que liga o trabalho das sementes a uma luta mais ampla. Percebe-se, já de partida, que para o Movimento de Mulheres Camponesas cada pauta está ligada a um debate maior. Ou seja, a preservação das sementes tem uma importância em si mesma, pois é preservação da cultura, dos costumes alimentares e da natureza, mas é também enfrentamento ao capitalismo e ao patriarcado. Os temas dos encontros em sequência são: “Somos sementes”; “Somos sementes, fazemos parte da história da humanidade”; “Somos sementes para a vida e não para o lucro”; “Somos sementes de vida e não mercadoria para o capitalismo”; “Somos sementes de vida, devemos nos multiplicar”; e, por último, “Somos sementes de vida para fortalecer a resistência das camponesas” (MMC, s/d).

Esse material parte de uma perspectiva clara de educação popular, pois busca nas experiências de vida cotidiana das camponesas apresentar um debate mais amplo e que leva a compreender sua realidade para além de suas vivências cotidianas. Entendemos, como pensada por Freire e Nogueira (1993, p.19), “a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica”, esse é um pouco do que percebemos nesse material. A cartilha (MMC, s/d) busca, de forma complementar, utilizar o ensinamento da história, os valores da natureza e a importância do trabalho das mulheres camponesas na construção de um novo projeto de agricultura e sociedade.

As sementes também aparecem nos seminários internacionais, nos quais as camponesas de todos os estados do Brasil trazem suas experiências de como a preservação de sementes ocorre na prática. (MMC, 2015; MMC, 2017a; MMC, 2017b) Muitas contam como era necessário ter coragem para esconder as sementes, pois, segundo os técnicos e, muitas vezes, os demais membros da família, essas sementes



não eram boas, podia “contaminar” o plantio “agora modernizado”. Tema que também é apresentado por Cinelli (2012).

Fica evidente quando nos debruçamos sobre o trabalho de sementes realizado pelo MMC que existe uma relação de ida e vinda, ou talvez complementariedade na ação, quando o movimento busca, a partir da experiência vivenciada pelas mulheres no seu cotidiano, da sua cultura e do seu modo de vida, trazer reflexões sobre as ligações entre essa realidade e os problemas gerados pelo sistema capitalista, patriarcal e racista, mas também como o entendimento sobre esse sistema possibilita que as camponesas superem tradições culturais que lhes aprisionam e construam saídas para as relações sociais que são tidas como naturais em suas vidas. De acordo com Cinelli (2012, p. 6), as mulheres, ao desenvolverem práticas agroecológicas, juntamente com as atividades de militância, constroem suas identidades camponesas e feministas, desenvolvendo autonomia na experiência vivida.

Conclusão

O Feminismo Camponês e Popular tem se mostrado como resultado da sistematização das experiências de formação, organização e luta das camponesas, demonstrando como o feminismo se constrói na vida delas não por discursos, mas por ações práticas que lhes desafiam, que lhes colocam em outro patamar de autorreconhecimento, para também conquistar o reconhecimento de sua comunidade. As sementes crioulas têm se mostrado como uma das formas de materialização do feminismo camponês e popular. Contudo, como estudou Santos (2012), nem sempre essa prática surge já como uma luta feminista, pois, em um primeiro olhar, parece ser uma luta de caráter geral, mas que, realizada pelas camponesas, as colocam em outro patamar na luta social, posicionando-as como sujeito político. Cinelli (2016, p.14) sintetiza isso da seguinte forma: “constatamos que as mulheres são capazes de construir novas identidades de projeto e feminista, a partir do trabalho com sementes”. Em nosso entendimento, as sementes são, para as camponesas, o meio de preservar a natureza, preservar o que lhes interessa de sua cultura; é a própria construção da soberania alimentar como também a construção de sua autonomia e liberdade de ação e organização.

Nesse sentido, podemos dizer que as sementes são o nascedouro de um feminismo próprio das camponesas que, nunca é demais lembrar, não é maior nem menor do que outros, mas apenas parte de sua identidade de classe enquanto camponesas e que expõe um projeto de libertação que se pauta na luta popular, que é o feminismo camponês e popular.

Agradecimentos

A todas as mulheres que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o MMC ser o que é hoje. Todas elas foram essenciais para as reflexões trazidas neste artigo.



Referências Bibliográficas

BEVILAQUA, G. A. P. et al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2014.

CALAÇA, M. K. A. dos Santos; SEIBERT, I. **Aproximações teórico/políticas entre a agroecologia e o feminismo camponês popular do MMC**. Brasília-DF. 2017.

CINELLI, Catiane. **Programa de sementes crioulas de hortaliças**: experiência e identidades no Movimento de Mulheres Camponesas. 2012, 117 f. (Dissertação), Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí: UNIJUI, 2012.

_____. **O educativo na experiência do Movimento de Mulheres Camponesas**: resistência, enfrentamento e libertação, 2016, 186 f. (Tese), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2016.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GRUPPI, Luciano. **O pensamento de Lênin**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JALIL, Laeticia Medeiros. **Mulheres e soberania alimentar**: a luta para a transformação do meio rural brasileiro. 2009. (Dissertação), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, 2009.

MMC, Movimento de Mulheres Camponesas. **Sementes de vida nas mãos das mulheres camponesas**. Chapecó: AMTR-SUL, s/d.

_____. **Feminismo Camponês e Popular**. Passo Fundo: ANMC, 2018.

_____. **Relatório do I Seminário Internacional Feminismo Camponês e Popular**. Luziânia: MMC, 2015.

_____. **Relatório do II Seminário Internacional Feminismo Camponês e Popular**. Luziânia: MMC, 2017a.

_____. **Relatório do III Seminário Internacional Feminismo Camponês e Popular**. Luziânia: MMC, 2017b.

OLIVEIRA, Lanna C. L. et al. **Ensinos das pesquisas acadêmicas com as sementes da paixão no estado da Paraíba**. Cadernos de Agroecologia –ISSN 2236-7934 –Vol 10, nº 3, 2015.

SANTOS, M. K. C. A. **Rompendo a cerca do isolamento**: as relações entre a agroecologia e as questões de gênero. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2012.



SILVA, Emanuel D.; ALMEIDA, Milene F. **Programa de Aquisição de Alimentos:** tecendo os caminhos entre segurança alimentar e a política de sementes no semiárido paraibano. VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS. 2013